

## TENTATIVA DE UMA TIPOLOGIA DE MODOS DE SEMIOTIZAÇÃO DA EMOÇÃO

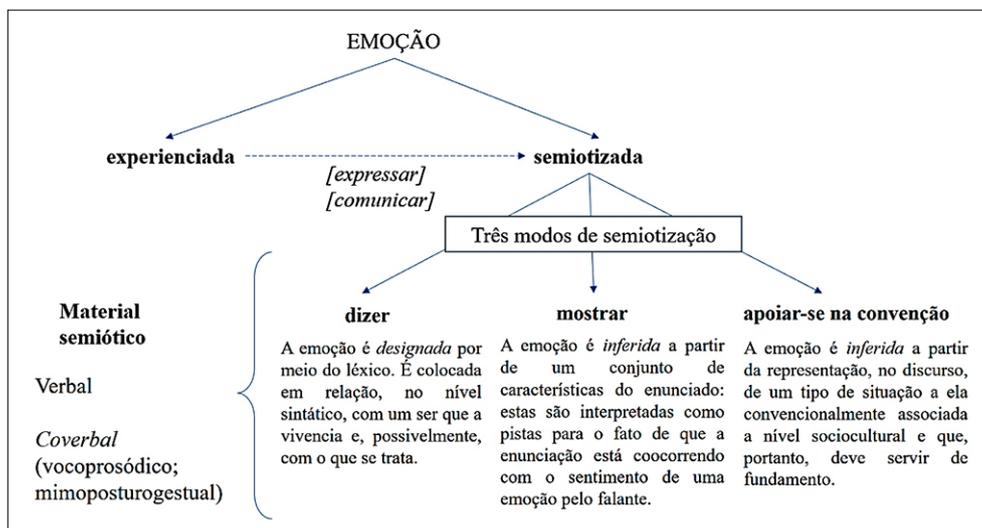
### ESSAI D'UNE TYPOLOGIE DES MODES DE SÉMIOTISATION DE L'ÉMOTION<sup>1</sup>

Raphaël Micheli<sup>2</sup>

Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante<sup>3</sup>, Rafael Lima de Oliveira<sup>4</sup>, Jessica Oliveira Fernandes<sup>5</sup>

Neste capítulo, propomos uma primeira visão geral de nossa tipologia dos modos de semiotização da emoção. Como explicamos na introdução, o desafio é trabalhar na elaboração de um modelo de análise da “linguagem emocional” que seja ao mesmo tempo econômico, teoricamente explícito e descritivamente rentável. Esse modelo pode ser representado na forma de um esquema em árvore, sobre cujos ramos e nós comentaremos a seguir:

Figura 1 – Tipologia dos modos de semiotização da emoção



<sup>1</sup> N.T.: Tradução sob autorização da editora De Boeck Supérieur do capítulo “Essai d’une typologie des modes de sémiotisation de l’émotion”, da obra *Les émotions dans les discours - Modèle d’analyse, perspectives empiriques*, de Raphaël Micheli, publicada em 2014. Por ser um capítulo de livro, o autor, durante o texto, faz menções a outros capítulos da mesma obra.

<sup>2</sup> Professor da Université de Neuchâtel.

<sup>3</sup> Professora titular da Universidade Federal do Ceará e bolsista de produtividade em pesquisa 2 do CNPq. - <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>

<sup>4</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UFC). <https://orcid.org/0000-0001-7993-1307>

<sup>5</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UFC). <https://orcid.org/0000-0001-6811-423X>

Começaremos pela categoria englobante da emoção “semiotizada” (1). Proporemos, em seguida, uma primeira definição de trabalho para cada um dos três modos de semiotização: *dizer* a emoção (2), *mostrar* a emoção (3) e, por fim, *apoiar-se na convenção* da emoção<sup>6</sup> (4). O objetivo será, certamente, problematizar essas várias definições: tentaremos identificar as principais questões teóricas e metodológicas que elas levantam. Essas questões serão então retomadas e tratadas em profundidade nos capítulos que seguem.

## 1 UMA CATEGORIA ENGLOBANTE: A EMOÇÃO SEMIOTIZADA

Para circunscrever o campo de estudo, propomo-nos falar de “semiotização” das emoções (ou das emoções tal como são “semiotizadas” pelos locutores). O verbo “semiotizar” é aqui entendido no sentido voluntariamente pouco específico<sup>7</sup> de “manifestar algo por meio de signos”. Os termos “semiotizar” e “semiotização” são assim, em nosso modelo, investidos de um valor decididamente genérico: seu uso visa “cobrir” as diferentes relações que são suscetíveis de se dar entre emoções e fatos de linguagem. Se eles podem, à primeira vista, parecer pesados, jargões desnecessários – por que não falar mais sobre a “expressão”, a “comunicação” ou mesmo a “representação” das emoções? –, eles são, no entanto, em nossa opinião, candidatos muito bons para uma compreensão global do campo. Veremos que os demais termos da linguagem cotidiana que espontaneamente vêm à mente incluem pressupostos que os impedem de funcionar de forma genérica: é, portanto, difícil utilizá-los para abarcar os múltiplos fenômenos relativos à “linguagem emocional”. Aqui estão, brevemente, as quatro principais vantagens que apresenta tal decisão terminológica e conceitual.

Em primeiro lugar, o uso do verbo “semiotizar” pelo linguista sempre mantém uma distinção de princípio entre o registro da linguagem<sup>8</sup> e o registro do experienciado (primeira ramificação do esquema). Na verdade, se dizemos que um falante “semiotiza” uma emoção, apenas indicamos que ele faz uma emoção se manifestar por meio do uso de signos, sem pressupor que ele realmente experiencie essa emoção (mesmo se esse possa ser o caso). Parece-nos que toda abordagem de linguagem deve operar uma dissociação conceitual entre, por um lado, as emoções como “elementos da vida interior da pessoa” e, por outro lado, as “manifestações emocionais na interação”, que consideramos “independentemente do fato de saber se os participantes experienciaram ou não as emoções manifestadas” (FIEHLER, 2002, p. 81).<sup>9</sup> Esse primeiro ponto constitui, a nosso ver, um argumento decisivo para desistir de falar sobre a “expressão” das emoções: esse termo aparece entre colchetes no diagrama, pois dá a impressão de que há uma forma de continuidade entre o registro de experiência e o registro da linguagem, que este deriva de alguma forma daquele (ver, no esquema, a seta pontilhada). Porém, como Charaudeau (2000, p. 135) e Kerbrat-Orecchioni (2000, p. 59-60) oportunamente lembram, há uma relativa independência dos dois registros: evidentemente, uma emoção que o locutor atribui a si mesmo no modo de dizer não necessariamente

<sup>6</sup> N.T.: Micheli usa o termo “étayer”, que, na tradução para o português, acreditamos não manter o sentido usado pelo autor, razão pela qual decidimos usar, neste momento, a perífrase “apoiar-se na convenção da emoção” e, durante o texto, “emoção apoiada no convencional”.

<sup>7</sup> “Semiotizar” e “semiotização”, portanto, funcionam aqui como o que é chamado de termos guarda-chuvas. Ao escolhê-los, não se trata de se enquadrar no paradigma específico da semiótica das paixões, notadamente representada pela obra de Greimas e Fontanille (1991).

<sup>8</sup> Limitamo-nos, na discussão a seguir, aos signos da linguagem (em sentido amplo, veremos a seguir: signos verbais e coverbais). No entanto, não comentamos sobre os sinais não linguísticos (vermelhidão da pele, suor etc.) que uma semiótica geral das emoções certamente levaria em consideração.

<sup>9</sup> “Emotions as elements of personal interior life” vs. “Emotional manifestations in interaction, independent of whether the participants feel the manifested emotions”.

corresponde ao que ele experiencia. Parece-nos importante que a metalinguagem descritiva utilizada pelo linguista não assimile implicitamente as emoções veiculadas por meio da linguagem, manifestadas por signos, às emoções realmente sentidas pelos locutores (mesmo que as duas possam, é claro, coincidir).<sup>10</sup>

Em segundo lugar, o uso do verbo “semiotizar” permite evitar que se adote uma perspectiva centrada apenas no locutor. Assim, falar de “expressão” ou de “comunicação” das emoções parece-nos um problema: se dissermos que um locutor “expressa” ou “comunica” uma emoção, consideraremos por padrão que se trata de sua própria emoção. No entanto, um modelo de análise adequado deve ser capaz de compreender a “linguagem emocional” na medida em que envolve não somente processos de autoatribuição, mas também processos de atribuição estendida,<sup>11</sup> durante os quais um falante atribui uma emoção a outros que não a si mesmo. Assim, se dizemos que um falante “semiotiza” uma emoção, deixamos em aberto a questão de a quem essa emoção é atribuída pelo enunciado.

Em terceiro lugar, os termos “semiotizar” e “semiotização” não prejudicam a natureza das unidades semióticas consideradas. Eles permitem, assim, neutralizar as diferenças – certamente cruciais – entre o material verbal (dupla articulação das unidades fonológicas e morfológicas, a combinatoria sintática e, mais amplamente, a organização textual) e o material *coverbal* (com, por um lado, a sua voz-prosódica e, por outro lado, suas unidades mimo-posturo-gestuais). A polivalência do verbo “semiotizar” torna-o muito cômodo para uma designação global dos suportes significativos – tão numerosos quanto heterogêneos – a partir dos quais se formam as relações entre a linguagem e as emoções. É claro que, se estamos situados em uma ótica de análise multimodal das interações e pretendemos trabalhar de modo rigoroso nos dados linguageiros orais, devemos prestar “igual atenção aos meios de comunicação verbais, não verbais, vocais e cinésicos” (ČMEJRKOVÁ, 2004, p. 36): a “linguagem das emoções” realmente explora muitos recursos relacionados à prosódia, às posturas, às expressões faciais e aos gestos. Nesta obra – e esta é uma restrição metodológica importante – a investigação se limitará exclusivamente ao material verbal (observe-se a parte esquerda do esquema, onde o material de cobertura aparece entre colchetes). Isso certamente reduz inevitavelmente o campo da emoção semiotizada: a tipologia proposta nos capítulos seguintes não nos permite descrever a interdependência dos marcadores verbais e *coverbais*, o que Plantin chama de “discursos emocionados”. Um projeto dessa magnitude exigiria competências transversais e mereceria, sem dúvida, um trabalho em equipe que reunisse lexicólogos, sintaticistas, analistas de discurso e interação e especialistas em prosódia ou “comunicação não verbal”. O nosso projeto parte da convicção de que existe – mesmo que nos atenhamos ao nível verbal – um verdadeiro esforço de esclarecimento a ser feito na classificação dos “meios” da “linguagem emocional” e que isso já fornece um material bastante amplo para uma única obra.

Em quarto lugar, os termos “semiotizar” e “semiotização” não prejudicam como as unidades semióticas significam a emoção. Consideremos os três extratos a seguir, retirados dos muitos exemplos que serão analisados em detalhes nos próximos capítulos:

<sup>10</sup> É claro, porém, que esse desacoplamento metodológico entre o semiotizado e o experienciado deve ser um tanto relativizado se considerarmos os fenômenos avaliativos assumidos pelos próprios participantes durante uma interação. Acontece frequentemente que estes avaliam o grau de correspondência entre a emoção semiotizada por um deles e a emoção supostamente vivida (por exemplo, em termos de “sinceridade” ou, pelo contrário, “manipulação”): tais avaliações da credibilidade de manifestações emocionais, assumidas pelos próprios participantes, naturalmente fazem parte do material a ser analisado, e o linguista deve levar isso em consideração (para um bom exemplo no debate político, ver a análise interacional do episódio da “raiva saudável” de Ségolène Royal em Constantin de Chanay, Giaufret e Kerbrat-Orecchioni (2011).

<sup>11</sup> N.T.: O autor usa o termo “allo-attribution”, que não se traduz facilmente para o português, razão pela qual decidimos usar a expressão “atribuição estendida”.

- (1) Um terror confuso, imenso e avassalador pesou na alma de Duroy (Maupassant, *Bel-Ami* – analisado no capítulo 5, 1.1.).
- (2) Ah! sonhador infeliz, quebre então primeiro a parede de um metro de espessura que o aprisiona! A morte! A morte! A morte! (Victor Hugo, *Le dernier jour d'un condamné* – analisado no capítulo 3, 3.2.2.).
- (3) Os riscos para a saúde existem principalmente para as crianças e os idosos. Qualquer inação ou *laissez-faire* do Estado faria deste Estado um cúmplice ativo nas catástrofes humanas que viriam por não termos protegido o único bem cujos estoques não sabemos renovar: a água potável (*Blog* de um advogado sobre um projeto de exploração de gás de xisto na região parisiense – discutido no capítulo 4, 2.2.).

Sem dúvida concordaremos com a observação – relativamente vaga, nesta fase – de que todos esses trechos transmitem um “significado emocional”, mas não exatamente da mesma maneira. É, como já foi dito, o objetivo deste livro compreender melhor o que exatamente distingue essas “formas de significar” a emoção. Falar de uma emoção “semiotizada” nos parece ser a melhor maneira (ou, talvez, a menos ruim) de apreender o menor denominador comum entre trechos tão diferentes quanto (1), (2) e (3).

## 2 UM PRIMEIRO MODO DE SEMIOTIZAÇÃO: A EMOÇÃO DITA

Quando os pesquisadores se propõem a identificar as várias maneiras pelas quais as emoções podem ser semiotizadas, eles tendem a concordar quanto a uma categoria cuja estabilidade é bastante notável no trabalho das ciências da linguagem (independentemente de sua orientação metodológica). Certamente não há, como veremos, uniformidade no nível terminológico, nem consenso sobre os critérios exatos que delimitam a categoria (estes muitas vezes permanecem implícitos). No entanto, há sem dúvida um modo específico de semiotização cuja existência é amplamente reconhecida nas pesquisas sobre “linguagem emocional”. Consideraremos primeiro de forma sintética algumas formulações desse primeiro modo como circulam na literatura: será a ocasião de apresentar os critérios nos quais se baseiam. Em seguida, proporemos uma definição de trabalho, que será desenvolvida e exemplificada em detalhes no capítulo 2.

Abaixo estão sete formulações do que chamamos de emoção *dita* e que constitui o primeiro modo de semiotização da tipologia:

- (1) Emoção [pode ser] denotada por algum “termo de sentimento” (substantivo, adjetivo, verbo) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2000, p. 61).
- (2) “Tematização das emoções”: os falantes podem “tornar as emoções o tema explícito da interação” (FIEHLER, 2002, p. 86).<sup>12</sup>
- (3) Certas palavras podem descrever emoções: considera-se que palavras como “raiva” e “furioso”, “alegria” e “feliz”, “tristeza” e “deprimido” são usadas dessa forma (KÖVECSSES, 2000, p. 2).<sup>13</sup>
- (4) Descrever uma emoção (BESNIER, 1990, p. 428).<sup>14</sup>
- (5) Emoções [podem ser] nomeadas [...]; quando falamos sobre emoções, nós as nomeamos (DANEŠ, 1994, p. 258 e 260).<sup>15</sup>

<sup>12</sup> “Thematization of emotions: [speakers] can make [emotions] the explicit topic [...] of the interaction”.

<sup>13</sup> “Some emotion words can describe the emotions: words like anger and angry, joy and happy, sadness and depressed are assumed to be used in such a way”.

<sup>14</sup> “To describe an emotion”.

<sup>15</sup> “Named emotions [...]: when talking about emotions we name them”.

(6) Comunicar a emoção: a própria emoção é a substância ou o tema da mensagem (PLANALP, 1999, p. 43).<sup>16</sup>

(7) Discurso emocional: todas aquelas expressões do dicionário que denotam emoção (“amor”, “ódio”, “alegria”) (BEDNAREK, 2009, p. 11).<sup>17</sup>

Uma rápida revisão dessas definições nos leva a focalizar dois critérios que parecem desempenhar um papel importante na constituição da categoria.

(1) A categoria parece depender em parte do tipo de unidades semióticas mobilizadas pelo locutor. Se uma emoção é – para usar alguns dos termos usados – “denotada” (1) e (7), “descrita” (3) e (4), “nomeada” (5) etc. isso parece necessariamente envolver o recurso a unidades verbais (mesmo se essa condição não é suficiente, como veremos). Em outras palavras, parece que uma emoção não pode ser dita apenas por intermédio de unidades coverbais, sem qualquer ancoragem no material verbal (o que é, por outro lado, como veremos, inteiramente possível quando a emoção é mostrada). Em geral, o registro da emoção dita parece bastante restrito no que diz respeito ao tipo de unidades semióticas mobilizadas: requer que a significação emocional da mensagem tenha um “ponto de fixação” no material verbal e mais particularmente – veremos agora – em unidades lexicais (“termos”, “palavras”, “expressões de dicionário”, de acordo com as definições). O registro da emoção mostrada parece, por sua vez, muito menos determinado em termos de material semiótico (infra, 3).<sup>18</sup>

(2) A categoria parece, mais fundamentalmente, basear-se em um segundo critério: a própria maneira como as unidades mobilizadas semiotizam a emoção. A ideia pode, em uma primeira aproximação, ser formulada da seguinte forma: no caso de uma emoção dita, o locutor faz uso de uma palavra, associando uma forma significante e um conteúdo de significação, pertencentes ao sistema de uma dada língua, e que convencionalmente designa um referente de natureza emocional (um estado, um processo, uma qualidade etc., dependendo da categoria de palavras em questão). Assim, as definições evocam uma relação de “denotação” [(1) e (7)] entre as unidades semióticas mobilizadas e a emoção. Elas sustentam que esta relação confere à emoção, no registro do dizer, o estatuto muito particular de objeto de discurso, de algo de que se fala: “tema explícito da interação” (2), “substância ou tema da mensagem” (6). Esta é uma ideia fundamental, que se pode resumir com Fiehler (2) pela noção de “tematização”. Veremos mais adiante que esse modo específico de semiotizar a emoção não se situa no parâmetro de mostrá-la, nem no de apoiá-la na convenção.

Neste trabalho, propomos aprender esse primeiro modo de semiotização no nível do enunciado e esboçar um protótipo dos enunciados que “dizem” a emoção. Como tal, partimos da seguinte suposição: os enunciados que dizem a emoção integram uma expressão que inclui uma palavra do léxico que designa uma emoção (a). Essa expressão é tipicamente encontrada em relação – no nível sintático (d) – com uma segunda expressão designando aquele que vivencia a emoção (b) e, possivelmente, com uma terceira expressão designando do que se trata a emoção (c). No nível da

<sup>16</sup> “To communicate emotion : the emotion itself is the substance or topic of the message”.

<sup>17</sup> “Emotion talk: all those expressions in the dictionary that denote emotion (love, hate, joy...)”.

<sup>18</sup> Uma observação importante neste ponto, para evitar mal-entendidos: não há absolutamente nenhuma correspondência exclusiva entre material verbal e registro do dizer, e entre material coverbal e registro do mostrar. É verdade que não se pode dizer uma emoção sem fazer uso direto do material verbal (através de uma unidade lexical), e só se pode mostrar uma emoção por meio do material coverbal (por exemplo, através da entonação, quando o material verbal não parece transmitir ele mesmo qualquer significado emocional). Contudo, é também possível mostrar uma emoção exclusivamente através de material verbal (este é o tema do Capítulo 3 do presente livro).

interpretação (e), o processo de semiotização da emoção e a atribuição dela a um ser que deve experimentá-la não requer nenhuma inferência particular por parte do receptor.

Como veremos, o desafio é modelar a forma e o funcionamento prototípicos dos enunciados que dizem a emoção. Formulado com tal grau de generalidade, este protótipo pode parecer abstrato, desencarnado e pobre em vista da riqueza e da diversidade dos casos de figura encontrados durante a análise dos dados. O desafio, que deve ser bem entendido, é dar a si mesmo uma espécie de “medidor padrão” que ajude na localização, na descrição e na classificação desses múltiplos casos de figura empiricamente atestados. No entanto, esperamos mostrar que a definição de trabalho que acaba de ser dada tem um valor heurístico muito real: ela visa idealmente a fornecer um quadro tão coerente quanto flexível para abordar as muitas variações segundo as quais um enunciado pode dizer a emoção. O capítulo 2 terá a tarefa de problematizar cada um dos critérios em que se baseia esta definição de trabalho. Sem anteciparmos muito os desdobramentos futuros, já podemos identificar quais serão os principais eixos de reflexão.

- (a) A definição refere-se a uma “palavra do léxico que designa uma emoção”. Será então necessário perguntar em que condições uma unidade lexical é considerada pertencente à classe dos “termos da emoção”. De acordo com quais princípios (combinatória sintática, perfil semântico) tal classe pode ser constituída e em que ela se distingue, por exemplo, daquela que reúne “termos de sentimento”?
- (b) Evocamos, em seguida, uma “expressão que designa aquele ou aquela que vivencia a emoção”. Quais são as formas típicas no plano languageiro? Como essas formas podem permitir ao falante tanto a autoatribuição quanto a atribuição estendida de uma emoção?
- (c) Com a ideia de uma “possível terceira expressão designando do que se trata a emoção”, tocamos – no plano da materialidade languageira – no que os filósofos chamam de “intencionalidade” das emoções (o fato de ser “sobre alguma coisa”). Essa expressão ainda é realizada? Se não, como você explica isso? E, linguisticamente, como chamar: “objeto” ou “causa” da emoção?
- (d) A ideia de que existe, “no nível sintático”, uma “conexão” entre essas várias expressões obviamente precisa ser explorada. Como veremos em detalhes, a palavra que designa a emoção pode pertencer a diferentes categorias (o substantivo, o verbo, o adjetivo e o advérbio), e a expressão que a integra pode ocupar diferentes posições sintáticas dentro do enunciado. Se considerarmos as outras duas expressões (designando respectivamente o ser a quem a emoção é imputada e o objeto ao qual ela se refere), constatamos que elas também assumem várias formas e ocupam várias posições sintáticas. Podemos então adivinhar que existe uma combinação muito complexa aqui, o que dá origem a muitas possibilidades. Sem pretensão de ser exaustivo, o capítulo 2 tentará identificar os mais comuns.
- (e) Por fim, a definição caracteriza os enunciados que expressam a emoção não apenas em termos formais, mas também em termos interpretativos. É necessário retomar um questionamento geral formulado por Kerbrat-Orecchioni, para melhor compreender, sobre “como os enunciados são construídos” e “como [eles] são compreendidos” (1998, p. 60-61). Este critério de interpretação é, como veremos, essencial para compreender melhor o que permite distinguir os três modos de semiotização considerados neste trabalho. A ideia é que uma declaração que diga a emoção reduz drasticamente a quantidade de inferência deixada para o alocutário. Diante de tal afirmação, não é necessário inferir que uma emoção é atribuída a um ser, uma vez que ambas são designadas lexicalmente e estão sintaticamente relacionadas. Veremos que, quando uma emoção é mostrada ou

apoiada no convencional, a quantidade de inferência deixada para o alocutário é muito mais importante.

## 2 UM SEGUNDO MODO DE SEMIOTIZAÇÃO: A EMOÇÃO MOSTRADA

Nossa tentativa de tipologia inclui um segundo modo de semiotização: a emoção mostrada. Se olharmos novamente para algumas tentativas de classificação dos “meios” da “linguagem emocional”, percebemos que uma segunda categoria se destaca. Aqui também a terminologia não está absolutamente estabilizada: de fato, é ainda menos do que no caso da emoção dita (em que conceitos como “denotação”, “descrição” ou “tematização” são, como já vimos, recorrentes). Quanto aos critérios de delimitação da categoria, eles geralmente são muito pouco explícitos. Examinemos as seguintes formulações, que incluem os autores já mencionados acima:

(1') A emoção conotativa é expressa por outros meios [que não os termos de sentimento] (KERBRAT-ORECCHIONI, 2000, p. 61).

(2') Expressão de emoções: na maioria das vezes, o tema da comunicação verbal é algo diferente de uma emoção, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, as pessoas comunicam emoções pela forma como comunicam sobre o tema (FIEHLER, 2002, p. 86).<sup>19</sup>

(3') Algumas palavras podem expressar emoções: os exemplos incluem “Merda!”, quando se está zangado, “Uau!”, quando se está entusiasmado, “Eca!”, quando se está enojado, e muitas outras (KÖVECSES, 2000, p. 2).<sup>20</sup>

(4') Fazer alusão a uma emoção (BESNIER, 1990, p. 428).

(5') Emoções mostradas (DANĚŠ, 1994, p. 260).

(6') Comunicar-se emocionalmente: neste caso, a emoção em si pode não ser a substância da mensagem, mas sim uma propriedade da mensagem (PLANALP, 1999, p. 43).<sup>21</sup>

(7') Discurso emocional: todos aqueles constituintes (verbais, não verbais, linguísticos, não linguísticos) que expressam ou sinalizam convencionalmente a emoção (BEDNAREK, 2009, p. 11).<sup>22</sup>

Se acumularmos estes excertos (1')-(7') com excertos (1)-(7) da seção anterior, vemos emergir um par nocional: “emoção denotada/conotada”, “tematização/expressão de emoções”, “descrever/expressar emoções”, “descrever/aludir às emoções”, “nomear/mostrar as emoções”, “comunicar a emoção/comunicar-se emocionalmente”, “discurso da emoção/ discurso emocional”. Para além das diferenças terminológicas, como podemos compreender o segundo termo da oposição? Primeiramente, como já vimos, se um locutor mostra uma emoção e “comunica emocionalmente” (6'), o “gancho” não se encontra necessariamente numa unidade lexical relevante do material verbal. Este pode certamente ser o caso, por exemplo, de uma interjeição (3'), mas de modo geral o registro da emoção mostrada parece extremamente aberto em termos do tipo de unidades semióticas que são mobilizadas: o “gancho” pode ser tanto “verbal” como “não verbal” (7'), sendo a emoção “conotada por algum outro meio [que não os termos denotando emoções]”

<sup>19</sup> “Expression of emotions: most often, the topic of verbal communication will be something other than emotion, but besides and at the same time people communicate emotions by the manner in which they communicate about the topic”.

<sup>20</sup> “Some emotion words can express emotions: examples include shit! when angry, wow! when enthusiastic or impressed, yuk! when disgusted, and many more”.

<sup>21</sup> “To communicate emotionally: in this case, the emotion itself may not be the substance of the message, but rather a property of the message”.

<sup>22</sup> “Emotional talk: all those constituents (verbal, non-verbal, linguistic, non- linguistic) that conventionally express or signal emotion”.

(1'). Voltaremos a nos deter, no capítulo 3, na questão dos marcadores da emoção mostrada, que são, sem dúvida, tão numerosos quanto heterogêneos.

Mais fundamentalmente, é a própria forma como as unidades semiotizam a emoção que diferencia os registros de dizer e mostrar. Percebemos de imediato que a emoção não tem, ao ser mostrada, o estatuto de “objeto de discurso” (“tema”, “substância” etc.), que adquire, por outro lado, quando é dita. A emoção é observada aqui na “forma como [os locutores] comunicam sobre um tema [que, na maioria das vezes, é outra coisa que não uma emoção]” (2'): tem o estatuto de “propriedade da mensagem” (6'). Muito esquematicamente, teríamos assim, no caso do dizer, uma relação entre o discurso e a emoção que é expressa no modo de “o quê?”, e, no caso de mostrar, no modo de “como?”. No entanto, a forma como as unidades semiotizam a emoção no caso de mostrar permanece por esclarecer, não só de uma forma negativa, em comparação com o dizer, mas também de uma forma mais positiva.

Nesta obra, tentamos apreender esse segundo modo principal de semiotização através de uma definição de trabalho que será amplamente discutida no capítulo 3: os enunciados que mostram a emoção apresentam características (b) que, embora potencialmente muito heterogêneas, são todas passíveis de interpretação indicial (a). O alocutário é levado a inferir que o locutor – ou, em caso de disjunção enunciativa, o enunciador (c) – experimenta uma emoção, com base numa suposta relação de coocorrência entre, por um lado, enunciar um enunciado com essas características e, por outro lado, experimentar uma emoção: “Se há a enunciação de um enunciado com tais características, então provavelmente o locutor está sob a influência de uma emoção”.

A reflexão terá de tentar esclarecer três pontos que são tão difíceis quanto essenciais.

(a) A definição postula que os enunciados que mostram emoção dão lugar a uma interpretação de tipo indicial. Com a noção de “índice”, pretendemos capturar uma função semiótica particular que envolve um modo específico de inferência por parte do alocutário: este infere a presença de um objeto a partir da presença de um signo, com base na ideia de que existe de modo geral uma relação de coocorrência estável entre esse signo e esse objeto. Como veremos mais adiante num exame da indicialidade do ponto de vista da investigação em semiótica e em linguística da enunciação, esse funcionamento parece desempenhar um papel pleno no processo de mostrar emoção. Certas características de um enunciado são passíveis de se referir indiciosamente a uma emoção atribuível ao locutor, na medida em que dão uma imagem da enunciação de tal forma que esta aparece numa provável relação de coocorrência com o sentimento de uma emoção: “Se existe a enunciação de um dado enunciado com tais características, então é provável que o locutor esteja sob a influência de uma emoção”. Nossa hipótese é que uma análise desse modo de inferência, a que chamaremos “abdutiva”, torna possível o registo da emoção mostrada a partir dos outros dois registros que consideramos aqui. Se uma emoção for dita, o processo de semiotizar a emoção e de a atribuir a um ser que supostamente a deve experimentar não parece exigir qualquer inferência particular por parte do alocutário que processa o enunciado (ver acima, 2). Por outro lado, a emoção que chamamos apoiada no convencional é – como a emoção mostrada – uma emoção inferida: para que o processo de semiotização das emoções seja reconhecido como tal, o alocutário deve extrair alguma inferência dos enunciados que lhe são apresentados. Contudo, veremos (abaixo, 4) que o tipo de inferência necessária quando uma emoção é apoiada no convencional é bastante diferente da indicialidade que se aplica quando uma emoção é mostrada.

(b) Como a definição sugere, a interpretação indicial se desencadeia por características do enunciado: o alocutário “traça”, por assim dizer, potenciais índices da emoção, à medida

que se materializam no enunciado, em direção à emoção que provavelmente é experimentada pelo locutor. Ao falar de “características”, estamos usando deliberadamente um termo muito vago. Isso se deve à extrema heterogeneidade dos fatos linguageiros que são potencialmente aptos a semiotizar uma emoção no modo de mostrar: encontrar um termo que possa “cobrir” adequadamente os fenômenos heterogêneos não é, portanto, tarefa fácil. Qual é exatamente a razão de tal heterogeneidade? Essas características, em primeiro lugar, podem ser encontradas em qualquer tipo de material semiótico, verbal ou coverbal. A esse respeito, mesmo que não abordemos isso no presente trabalho, deve-se lembrar que o material coverbal desempenha um papel fundamental: o alocutário pode inferir que uma emoção é mostrada apenas com base nas características prosódicas de um enunciado, ou apenas com base nas características gestuais que acompanham a sua enunciação. Se nos limitarmos ao material verbal, essas características podem envolver potencialmente qualquer nível de organização linguística e qualquer tipo de unidade. Sem almejar uma exaustividade que – aqui mais do que em qualquer outro lugar – parece bastante ilusória, iremos propor, no capítulo 3, um estudo aprofundado e renovado dos fatos linguageiros classicamente associados à demonstração da afetividade e que podem ser reagrupados em três categorias principais: marcadores lexicais, marcadores sintáticos e, por fim, marcadores transfrástico-textuais.

- (c) A definição de trabalho que apresentamos parece, à primeira vista, pressupor que a emoção mostrada é necessariamente a emoção do locutor. Em outras palavras, pode-se acreditar que, à diferença do que ocorre na emoção dita, esse segundo modo de semiotização permite exclusivamente a autoatribuição de uma emoção e proíbe sua atribuição estendida. Como veremos, as coisas são de fato mais complexas. Sabemos que um locutor pode representar dentro de seu enunciado as falas e os pontos de vista de outros enunciadores, que não ele. Nessas condições, se houver uma clara disjunção entre o locutor e o enunciador, é possível que o enunciado mostre uma emoção que o alocutário inferirá ser atribuível a este, mas não (ou não necessariamente) àquele.

### **3 UM TERCEIRO MODO DE SEMIOTIZAÇÃO: A EMOÇÃO APOIADA NO CONVENCIONAL**

Os dois primeiros modos de semiotização na nossa tipologia são, como acabamos de ver, frequentemente mencionados nos trabalhos das ciências da linguagem sobre emoções. Embora – e este é um dos objetivos do presente trabalho – ainda haja muito trabalho a fazer para estabelecer uma distinção mais precisa entre os registros da emoção dita e da emoção mostrada, é evidente que essas duas categorias apresentam um certo grau de familiaridade: quaisquer que possam ser as variações terminológicas e definicionais, elas parecem quase inevitáveis quando se trata de distinguir os principais “meios” em que a “linguagem emocional” pode investir. O mesmo não se pode dizer do que constitui o nosso terceiro modo principal de semiotização: a emoção apoiada no convencional. Como veremos, é preciso, para nos aproximarmos desse último modo, fazer uma série de “desvios” e saber como tirar partido da retórica das paixões e dos recentes avanços na área da psicologia das emoções. Nas ciências da linguagem, é aos trabalhos pioneiros realizados por Plantin desde o final dos anos 90 (PLANTIN, 2011, p. 175-181 para um resumo) que devemos recorrer para tentar obter uma melhor compreensão dessa “forma” particular de “significar a emoção”, que é frequentemente negligenciada pelos linguistas.

Abaixo está uma definição de trabalho deste registro de emoção apoiada no convencional: de modo geral – e para além de uma perspectiva linguageira – a experiência de uma emoção por um sujeito parece estar intimamente ligada à avaliação, por esse sujeito, de uma situação com a qual se encontra confrontado (a). No caso de uma emoção apoiada no convencional, o discurso oferece ao alocutário a representação de uma situação: vamos falar aqui da “esquemática discursiva de uma situação” (b). A partir dessa esquematização, o alocutário infere que certo tipo de emoção ocorre. Tal inferência (c) baseia-se no fato de que a situação esquematizada é convencionalmente associada a esse tipo de emoção em virtude de normas socioculturais e que, portanto, deve garantir sua legitimidade em um nível transubjetivo: “Se houver uma situação como o discurso a esquematiza, então há razão para sentir tal tipo de emoção”.

Formulada na sua maior generalidade, a hipótese é que uma emoção pode ser inferida a partir da esquematização discursiva de uma situação que é socioculturalmente aceita como sendo suscetível de apoiar essa emoção, ou seja, de servir de base. O capítulo 4 proporcionará uma oportunidade de voltar com detalhes a três difíceis questões metodológicas, das quais já estamos dando uma visão geral.

- (a) A definição postula que existe uma ligação fundamental entre experimentar uma emoção (de qualquer tipo) e avaliar uma situação. Como veremos no capítulo 4, tal perspectiva implica “sair” um pouco das ciências da linguagem e recorrer às pesquisas, no campo da psicologia, que estudam o componente da avaliação cognitiva das emoções. A ideia, à qual voltaremos a nos deter abundantemente, é que a experiência de uma emoção é um fenômeno complexo: se ela incorpora, sem dúvida, componentes fisiológicos (sintomas corporais), motivacionais (tendências de ação) e expressivos (mímicas e gestos), também depende estreitamente da forma como o sujeito avalia uma situação com a qual é confrontado. Esse componente de avaliação cognitiva parece desempenhar não só um papel importante na experiência emocional em geral, mas também é decisivo para a individualizar os tipos de emoção. O que diferencia pena de indignação, vergonha de culpa, ou alegria de orgulho é o tipo de avaliação a que uma dada situação está sujeita. A retórica de Aristóteles já postulava que é possível combinar, de uma forma relativamente estável, tipos de emoções, por um lado, e tipos de avaliação de situações, por outro: essa perspectiva está no centro de muitas pesquisas atuais em psicologia das emoções. Como resumem bem Scherer e Ellsworth, “as emoções são desencadeadas e diferenciadas pela interpretação subjetiva da importância dos acontecimentos para uma pessoa” (SANDER; SCHERER, 2009a, p. 45).<sup>23</sup> Também deve ser enfatizada a importância das normas socioculturais: os processos de correspondência entre tipos de emoções e tipos de avaliação de situações não são puramente idiossincráticos, ligados apenas à subjetividade do indivíduo. Fundamentalmente convencionais, eles tendem a estabilizar-se dentro de um grupo social e, mais amplamente, dentro de uma sociedade ou cultura num dado momento da sua história. Na realidade, estão também sujeitos a variações, sejam elas sociais, culturais ou históricas.
- (b) A nossa tentativa de definição propõe reinvestir nessa ligação crucial entre as emoções e a avaliação das situações a partir de uma perspectiva discursiva. O desafio, como veremos, consiste em passar de uma problemática da avaliação cognitiva das situações para o da sua construção em discurso. A esse respeito, falaremos, em referência a um conceito-chave da lógica natural de Jean-Blaise Grize, da “esquemática discursiva de

<sup>23</sup> “Emotions are elicited and differentiated by the subjective interpretation of the personal significance of events”.

uma situação”. O conceito de “esquematisação” tem a vantagem de enfatizar o caráter necessariamente tendencioso, parcial e orientado de qualquer representação discursiva da realidade: o locutor “apresenta uma situação em que objetos e atores são encontrados sob um certo foco” (GRIZE, 2004, p. 36). No quadro de nossa tipologia de modos de semiotização, a ideia é a seguinte: o locutor pode semiotizar uma dada emoção por meio de uma esquematização. A esquematização “apoiar” a emoção na medida em que apresenta uma situação de tal forma que a emoção em questão parece legitimamente derivar dela, desde que o alocutário adira às normas socioculturais que associam esse tipo de avaliação de situação a esse tipo de emoção. O capítulo 4 será dedicado ao desenvolvimento de um método de análise que, com base em um número limitado de critérios, visa mostrar como as situações são esquematizadas na materialidade do discurso e como são orientadas para esse ou aquele tipo de emoção.

- (c) Do ponto de vista da interpretação, defenderemos a hipótese de que uma emoção apoiada no convencional é uma emoção inferida: um discurso não precisa, para ser reconhecido como apoio de uma determinada emoção, proceder a uma designação lexical dessa emoção (mesmo que, como veremos, às vezes aconteça). Um dos maiores desafios de nosso estudo do terceiro modo de semiotização será, então, compreender melhor o tipo particular de inferência que ele envolve. Mencionamos, no ponto anterior, o funcionamento indicial e abduutivo que parecem caracterizar o registro da emoção mostrada. O alocutário infere que o locutor experimenta uma emoção a partir de uma suposta relação de coocorrência entre a enunciação de um enunciado com certas características, por um lado, e o fato de experimentar uma emoção, por outro: “se houver a enunciação de um enunciado com tais características, então é provável que o locutor esteja sob a influência de uma emoção”. Concordando, podemos dizer, com Plantin (2011, p. 144), que a interpretação procede do vale à montanha: ela “sobe”, por assim dizer, dos “efeitos” da emoção – tal como se materializam no enunciado – para a própria emoção. Se viermos à emoção apoiada no convencional, a inferência deve ser modelada de uma maneira diferente: o alocutário parte da esquematização discursiva de uma situação e infere que um certo tipo de emoção ocorre, em virtude de normas socioculturais que combinam modos de avaliar situações e tipos de emoção. Nesse caso, a interpretação é feita da montanha ao vale. O alocutário é convidado a considerar que uma situação esquematizada no discurso constitui uma razão legítima para sentir essa ou aquela emoção: ela assim “desce” das razões da emoção à própria emoção. Para resumir provisoriamente as coisas, diremos que, no caso de uma emoção mostrada, o discurso se apresenta – por meio de algumas de suas características – como o efeito de uma emoção (por padrão, a do locutor), enquanto no caso de uma emoção apoiada no convencional, o discurso se apresenta – por meio da situação que ele esquematiza – como a possível causa de uma emoção (que pode ser reivindicada pelo locutor, atribuível a um terceiro cujo ponto de vista ele adota e, em todo caso, possivelmente compartilhada pelo alocutário).

O esquema em árvore apresentado no início do capítulo tende a separar um tanto artificialmente os modos de semiotização, que, obviamente, andam de mãos dadas na prática efetiva do discurso. Estamos, no entanto, convencidos de que deve ser feito um esforço para considerar esses modos em sua distintividade, a fim de poder orientar-se no estudo desse domínio vasto e intrincado que constitui a “linguagem emocional”: é o objeto dos capítulos 2, 3 e 4. Os estudos de caso do capítulo 5 permitirão um primeiro vislumbre das interações que, na realidade complexa do discurso, são tecidas entre os três modos de semiotização.

## REFERÊNCIAS

- BEDNAREK, M. Language patterns and attitude. *Functions of language*, v. 16, n. 2, p. 165-192, 2009.
- BESNIER, N. Language and affect. *Annual review of anthropology*, n. 19, p. 419-451, 1990.
- CHARAUDEAU, P. La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSO, V. (ed.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.
- ČMEJRKOVÁ, S. Emotions in language and communication. In: WEIGAND, E. *Emotion in dialogic interaction: advances in the complex*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- CONSTANTIN DE CHANAY, H.; GIAUFRET, A.; KERBRAT-ORECCHIONI, C. La gestion interactive des émotions dans la communication politique à la télévision: quand les intervenants perdent leur calme. In: BURGER, M.; MICHELI, R.; JACQUIN, J. (ed). *La parole politique en confrontation dans les médias: analyse des discours politico-médiatiques contemporains*. Bruxelles: DeBoeck, 2011.
- DANEŠ, F. Involvement with language and in language. *Journal of Pragmatics*, n. 22(3-4), p. 251-264, 1994.
- FIEHLER, R. How to do emotions with words: emotionality in conversations. In: FUSSELL, S. R. (ed.). *The verbal communication of emotions: interdisciplinary perspectives*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2002. p. 79-106.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991.
- GRIZE, J. Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (org.). *L'argumentation aujourd'hui: positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La notion d'interaction en linguistique: origine, apports, bilan. *Langue Française*, n. 117, p. 51-67, 1998.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe siècle? Remarques et aperçus. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSO, V. (ed.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human*. Paris: Cambridge University Press, 2000.
- PLANALP, S. *Communicating emotion: social, moral, and cultural processes*. Paris: Cambridge University Press, 1999.
- PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*. Berne: Peter Lang, 2011.
- SANDER, D.; SCHERER, K. R. (ed.). *The oxford companion to emotion and the affective sciences*. New York: Oxford University Press, 2009.